

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/316941172>

A transição durante a fase do amadorismo

Chapter · October 2012

CITATIONS

0

READS

52

2 authors:



Kátia Rubio

University of São Paulo

83 PUBLICATIONS 179 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



Neilton Ferreira Junior

University of São Paulo

6 PUBLICATIONS 0 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



A influência dos deslocamentos nacionais e da migração transnacional na formação da identidade de atletas olímpicos brasileiros [View project](#)



Contexto e elementos constitutivos do método [View project](#)

All content following this page was uploaded by [Neilton Ferreira Junior](#) on 15 May 2017.

The user has requested enhancement of the downloaded file.

DESTREINAMENTO E TRANSIÇÃO DE CARREIRA NO ESPORTE

Katia Rubio (organizadora)

Sumário

Prefácio

<i>Marcus Vinicius Freire</i>	03
Um novo começo	
<i>Katia Rubio</i>	06
Transição de Carreira e suas implicações no Esporte	
<i>Luis Martini</i>	08
Novas identidades e novas carreiras: a transição entre atletas olímpicos brasileiros	
<i>Katia Rubio</i>	36
A transição de carreira na fase do amadorismo	
<i>Katia Rubio; Neilton Sousa Ferreira Junior</i>	51
O profissionalismo e os novos desafios para a transição de carreira	
<i>Katia Rubio</i>	68
Reflexões teóricas e práticas sobre a transição entre a iniciação esportiva e aprofissionalização – um enfoque psicoprofilático	
<i>Simone Meyer Sanches</i>	83
De la iniciación deportiva al alto rendimiento.	
<i>Francisco Enrique García Ucha</i>	07
Os caminhos da criança e do jovem no esporte: o início de uma carreira	
<i>Keila Sgobi</i>	126
“Depois da bola”: causas, consequências e implicações da aposentadoria no esporte	
<i>M^a Regina F^a Brandão; Marisa Cury Agresta</i>	153
Quando a lesão leva à transição ?!	
<i>Marisa Markunas</i>	173
Gestão de carreira esportiva na transição	
<i>Luciana Ferreira Angelo</i>	198
Destreinamento e transição de carreira: como fica a saúde?	
<i>Wagner Castropil</i>	222
Destreinamento esportivo	
<i>Raoni P. T. Machado</i>	233

A transição durante a fase do amadorismo

Katia Rubio; Neilton Ferreira Junior

Universidade de São Paulo

Introdução

O esporte foi originalmente concebido como uma prática tipicamente aristocrática, tido como uma atividade de ócio e um meio de educação social dos filhos das classes sociais não trabalhadoras, fato que sofreu grandes transformações com a proliferação do esporte em outras camadas sociais.

Essa concepção levou o atleta amador a ser definido como aquele que

Pratica esporte apenas por prazer e para usufruir tão somente dos benefícios físicos, mentais e sociais que derivam dele e cuja participação não é nada mais do que recreação sem ganho material de nenhuma natureza, direta ou indireta. (Bastos, 1987: 75)

Posto que organizadores e praticantes do esporte criaram e defenderam o esporte como uma atividade de poucos e para poucos não é de se estranhar que o amadorismo tenha se constituído como um dos pilares fundamentais sobre qual se assentou o Movimento Olímpico. Preocupados com a perda do controle da prática esportiva originária em seus domínios, aristocratas e burgueses lançaram-se em defesa dessa atividade alegando que a permissão para o seu exercício seria dada apenas àqueles que pudessem tê-la para uso no tempo ocioso, distanciando o trabalhador da participação em esportes institucionalizados e dos Jogos Olímpicos.

Embora associado a uma atividade não remunerada, o conceito de amadorismo viu-se envolvido em ambiguidade devido às transformações sociais ocorridas ao longo do século XX. Uma das questões principais dessa discussão se deu após a entrada dos países do bloco

socialista nas disputas olímpicas. Para o mundo capitalista parecia não haver dificuldades em identificar amadores e profissionais. Amador era todo aquele atleta que não recebia qualquer bem ou valor em troca de sua atuação esportiva. Profissional, por sua vez, tinha a sua força de trabalho, a performance, paga pelos clubes que negociavam passes e salários, gerando a razão de ser do capitalismo: o lucro. Já para os participantes do chamado bloco do leste, o argumento da socialização dos meios de produção era utilizado para negar a existência de profissionais do esporte, afirmando a condição amadora de todos seus atletas-cidadãos.

Diante disso, afirmam Salles e Soares (2002), o status de atleta estava relacionado com uma atitude do esportista, representava um estilo de vida e diante da dinâmica das relações internacionais, e passou a ser determinado por questões internas dos diversos Estados participantes dos Jogos Olímpicos.

Portanto, os valores estabelecidos sobre amadorismo são apropriados em diferentes contextos, não aceitando as mesmas determinações em todos os países devido ao fato das estruturas políticas e culturais serem distintas.
(p. 438)

O amadorismo foi no passado tema tão tabu quanto o uso de substâncias dopantes, considerado uma virtude humana e condição *sine qua non* para qualquer atleta olímpico. Mas, mais que um valor ético, essa imposição era um qualificador pessoal e social dos atletas que se dispunham a seguir a carreira esportiva (Rubio, 2003).

Envolvida em uma discussão ideológica tanto para os que defendiam esse princípio como para os que o atacaram, a história olímpica contemporânea está pontuada por ocorrências que demonstravam o uso parcial desse preceito.

Entre os muitos casos de falta de amadorismo um dos mais destacados se deu nos Jogos Olímpicos de Estocolmo, em 1912, quando um americano de origem indígena chamado Jim Thorpe perdeu suas duas medalhas de ouro no pentatlo e no decatlo, acusado de competir pela liga profissional americana de football entre os anos de 1909 e 1910.

López (1992), bem como Cardoso (2000), classificam essa atitude menos olímpica do que racista, visto que um outro medalhista olímpico, o ginasta italiano Alberto Braglia, havia passado os quatro anos que separaram os Jogos Olímpicos de Londres-1908 a Estocolmo-1912 trabalhando como acrobata de circo, fazendo uso de suas atribuições e habilidades esportivas.

Foram necessários 70 anos para que o COI revisse o ocorrido e reabilitasse Jim

Thorpe. No ano de 1982, as medalhas confiscadas do campeão olímpico foram entregues a seus filhos, em um ato de reconhecimento pelos feitos atléticos do pai e de revisão de decisão que não em tese, mas de fato, feriam o espírito olímpico. Thorpe havia morrido alguns anos antes como indigente, pobre e esquecido.

Embora episódios como esse fizessem o tema amadorismo freqüentar com constância as reuniões e congressos do Comitê Olímpico Internacional, para Coubertin a questão não era de toda solucionada a ponto de fazê-lo se posicionar claramente. Tanto é assim que quando em Antuérpia-1920 pela primeira vez se hasteou a recém criada bandeira olímpica e se prestou, também pela primeira vez, o juramento olímpico, ambos obra de Pierre de Coubertin, nenhuma referência se fazia ao amadorismo ou profissionalismo, mas sim se prometia respeito aos regulamentos.

Em seu livro de memórias publicado em 1997 Coubertin finalmente esclarece sua posição sobre o tema. Deixa claro que a questão do amadorismo não era central para si, mas diante da importância que adquiria para a comunidade britânica e do peso político desse grupo dentro do Comitê Olímpico Internacional, era então necessário tomar posição contra o ‘perigo’ que o profissionalismo poderia representar para os Jogos Olímpicos.

Pessoalmente, eu não estava particularmente preocupado com isso (o amadorismo). Hoje eu posso admitir: essa questão nunca realmente me preocupou. Ela servia como pano de fundo para reunir os participantes do Congresso que tinham por objetivo recriar os Jogos Olímpicos. Diante da importância do tema nos círculos esportivos, eu sempre apresentei o entusiasmo necessário, mas era um entusiasmo sem convicção real. Minha própria concepção de esporte sempre foi diferente de um grande número de membros da Academia – senão da maioria. Para mim o esporte era uma religião, com suas igrejas, seus dogmas, seus serviços... mas, acima de tudo um sentimento religioso... Os ingleses eram particularmente sensíveis a essa questão. Era um sinal e um presságio do poder do Comitê Olímpico Internacional quando eles voltaram a pedir ajuda. (Muller, 2000: 653-654)

Até ser superado definitivamente pelo profissionalismo, o amadorismo foi tratado como uma questão central do Olimpismo, conforme atestam as palavras de Coubertin. Tanto foi assim que em outra passagem de suas memórias Coubertin frisa uma vez mais seu desapego a esse ideal e entende que essa discussão camuflava outras questões centrais do

Olimpismo, que ganhavam vulto, na medida em que os Jogos Olímpicos cresciam em visibilidade e importância.

¡Siempre el amateurismo! Hacía ahora dieciséis años que habíamos pretendido ingenuamente acabar con el problema, y he aquí que seguía candente, idéntico e inalcanzable: un auténtico balón de waterpolo con esta peculiar manera de resbalar y escurrirse bajo la presión de la mano, como el gato, alejándose unos metros. Personalmente, ello me tenía sin cuidado; hoy me atrevo a confesar con franqueza que este asunto jamás me ha apasionado. Desde luego, me sirvió de pretexto para convocar el Congreso destinado a restablecer los Juegos Olímpicos. Viendo la importancia que se le atribuía en los medios deportivos, le dediqué la máxima atención pero era un celo sin convicción real (Coubertin, 1989:65).

Alguns autores chegaram a afirmar que essa questão poderia comprometer a própria razão de ser do Movimento Olímpico, caso suas bases não fossem revistas. É o caso de Donnelly (apud Gomes & Tavares, 1999) para quem o amadorismo é fundamental para o Olimpismo. Embora seu desenvolvimento tenha se dado dentro de um contexto bastante específico – uma Inglaterra regulada pela moral vitoriana – veio a sofrer verdadeira mutação com o estabelecimento de uma relação causal entre dinheiro e desempenho esportivo. Por isso, o Olimpismo é, para esse autor, uma atitude em extinção no mundo olímpico...

mais do que solidariedade e respeito mútuo, o principal referencial para a realização do esporte de alta competição atualmente é a capacidade de gerar remuneração financeira para todos os envolvidos direta ou indiretamente. (p. 248)

Como consequência desse processo e do esforço de muitos, o amadorismo foi sendo esquecido como um dos elementos fundantes e fundamentais do Olimpismo no final da década de 1970, emergindo um movimento de disfarce de atletas em funcionários de empresas para que escapassem à condição de profissionais do esporte. Esse esforço foi substituído definitivamente e com sucesso pelos contratos com patrocinadores e empresas interessadas em investir no esporte, surgindo a partir daí outros tipos de problema.

Muitos foram os valores implicados nessa mudança. A transformação do espetáculo esportivo em um dos negócios mais rentáveis do planeta foi talvez a principal motivação para a reconsideração sobre o que era e qual a finalidade do amadorismo na participação do atleta em Jogos Olímpicos.

A profissionalização acabou por imprimir uma grande alteração na organização esportiva tanto do ponto de vista institucional como na atividade competitiva em si, levando o esporte a se tornar uma carreira profissional cobiçada e uma opção de vida para jovens habilidosos e talentosos.

A competição atlética ganhou visibilidade e complexidade ao se tornar espetáculo esportivo e produto da indústria cultural. E assim, interesses econômicos aliados a disposições políticas e intervenção estatal produziram e reforçaram uma das instituições mais robustas do planeta.

Conforme Bourdieu (1993) algumas chaves constitutivas do dispositivo esportivo, esboçadas no século XIX, não se transformaram plenamente até meados do presente século. Uma das mudanças mais significativas teve relação com a crescente intervenção do Estado, isso porque a esportivização da sociedade constitui uma parte importante da intervenção e do desdobramento de distintas agências que, durante sua atuação, se autodefiniam e recriavam. Além disso, a filosofia do amadorismo, que dominou o Olimpismo praticamente até os Jogos Olímpicos de 1984, em Los Angeles, tratou sempre de apresentar as práticas esportivas independentes dos poderes públicos, como produto da iniciativa individual e do associacionismo voluntário.

O atleta, o amadorismo e a transição

Enquanto ideal olímpico o amadorismo constituía um imperativo de igualdade de circunstâncias entre os atletas. Ainda que desde cedo não tenha tido eficácia prática, Marivoet (1998) afirma que o princípio que lhe subsiste tem sido remetido para a diferenciação dos quadros competitivos, de acordo com as especificidades dos atletas e das suas competências, de modo a garantir uma posição mais igualitária, assim como um maior equilíbrio na dimensão competitiva.

O modelo de participação esportiva criado a partir dos Jogos Olímpicos da Era Moderna em 1896 previa o atleta como um ser deslocado de práticas produtivas e dedicado ao treinamento e aprimoramento de seu fazer esportivo.

O que se observa ao longo da primeira metade do Século XX é que isso gerou uma representação social do atleta ou como um sujeito excêntrico, caso pertencesse à aristocracia, ou um vagabundo, caso sua origem estivesse relacionada às classes populares. A via alternativa para esses dois modelos eram os militares, que por força do ofício eram obrigados

a praticar esporte, o que levou a muito deles a chegarem aos Jogos Olímpicos, inclusive às medalhas, como é o caso de Guilherme Paraense, em 1920 e João do Pulo, em 1976 e 1980.

O que se observa no período compreendido por Rubio (2010) que se inicia na Fase de estabelecimento (de Atenas 1896 a Estocolmo 1912), passando pela Fase de afirmação (de Antuérpia 1920 a Berlin 1936) e finalizando na Fase de conflito (de Londres 1948 a Los Angeles 1984) é que o atleta olímpico tinha como parte de seu projeto de vida a condição de amador. Isso implicava em uma dedicação exclusiva à prática esportiva, sem expectativas de ganhos financeiros e, a consciência da necessidade de buscar uma atividade profissional para o final de sua carreira de atleta. Essa necessidade de buscar uma profissão e um projeto de vida para depois de carreira de atleta levou muitos esportistas a se aproximarem dos estudos ou de uma profissão, associada ou não ao esporte. Tomado como um sonho por atletas e suas famílias o período de dedicação aos treinos e competições representava uma concessão para muitos e seu final era quase sempre decretado quando do retorno de uma edição olímpica.

Essa condição pode ser observada na carreira de vários atletas medalhistas olímpicos da geração de 1950 e 1960.

Três bons exemplos são Tetsuo Okamoto, nadador dos 1.500m nos Jogos Olímpicos de Helsinque, em 1952, Manoel dos Santos, nadador dos 100m, nos Jogos Olímpicos de Roma, em 1960 e Antônio Salvador Succar, jogador de basquetebol nos Jogos Olímpicos Tóquio, em 1964.

Manoel dos Santos foi um dos principais velocistas da natação de seu tempo. Apesar do pouco conhecido no Brasil era respeitado por seus adversários no exterior e desejado em competições internacionais. Treinava em uma época em que não havia piscinas aquecidas em São Paulo, o que o levava a deslocamentos em busca de temperaturas mais amenas.

Primeiro medalhista da natação brasileira, Tetsuo dedicou a primeira parte de sua vida a treinar para ganhar uma medalha olímpica. Do empirismo dos treinamentos à falta das condições materiais para a conquista de um resultado histórico o nadador sintetizou a sensação vivida no momento maior de um atleta que é a conquista da medalha:

“Quando eu subi ao pódio para receber a medalha eu senti... de repente, vendo a bandeira, aquela satisfação, parecia que o corpo estava cheio e de repente senti um vazio. Acho que deve ter sido o sonho que tinha acabado.”

O apoio que Tetsuo recebera até aquele momento tanto de sua família como da cidade em que morava objetivava a conquista de uma medalha, projeto cumprido a rigor. Embora ainda jovem, a carreira de uma atleta, naquele momento, não era longa para que se alimentasse o sonho de mais uma conquista. A honra dada a todos que o ajudaram, depois de realizado o sonho olímpico, deveria ser deslocada para o campo profissional onde a vida, efetivamente, se formalizaria.

“Chegou uma época que meu pai falou: ‘Bem, agora você já se tornou campeão, você me deu muita honra, muita satisfação, agradeço muito, mas é hora de cuidar da vida.’”

Ao participar de um campeonato sul-americano foi informado por um outro nadador que com as marcas e conquistas obtidas até aquele momento seria possível cursar uma faculdade americana, com bolsa de estudo, o que representaria uma nova carreira sem nenhum custo. Ou seja, a mesma estrutura esportiva que não permitia que ele ganhasse qualquer valor em dinheiro ou bem material. tinha também outros caminhos que lhe abriam as portas para construir o futuro. E assim foi a transferência para o Agriculture Mechanic College, no Texas, onde cursou geologia, carreira escolhida por seu pai que acompanhava a criação da Petrobrás e entendia que aquela seria uma profissão do futuro (Rubio, 2004; 2007).

Foram poucas as vezes que Manoel teve a oportunidade de enfrentar seus adversários estrangeiros. Considerado um dos nadadores mais rápidos de sua geração ele era cotado para ser medalha de ouro em uma prova historicamente dominada por americanos e australianos, e naquela época, por japoneses. Por um erro na virada Manoel ficou com a medalha de bronze.

“Perdi por dois décimos de segundo. Foi uma virada infeliz porque eu estava muito bem. Estava tão bem, tão na frente que eu não acreditava. Quando eu vi já tinha chegado. Então errei a virada, mas é uma oportunidade que a gente tem. Perdeu, perdeu. Não tem jeito”.

Um ano após a conquista da medalha olímpica Manoel dedicou-se a quebrar o recorde mundial. Seu currículo o habilitava a isso. Apesar do pouco intercâmbio com outros nadadores e dos poucos campeonatos internacionais de que participava ele sabia que tinha condições pessoais para isso, necessitando apenas das condições materiais, proporcionadas pelo Clube Guanabara, no Rio de Janeiro.

“Essa piscina do Guanabara era uma piscina de água salgada. Se você visse a cor da água, não dava pra ver a faixa em baixo, completamente escura. E eu tive a felicidade de bater o recorde mundial... na época foi muito comemorado porque o Brasil não tinha expressão nenhuma em esporte”.

Batido o recorde aos 21 anos Manoel considerou que seu objetivo na natação estava cumprido. Preocupado com o futuro que envolvia uma profissão e casamento optou por se dedicar aos negócios da família, entrou para o ramo madeireiro e nele ficou até o ano de 1984, quando resolveu retomar seu caminho inicial, a natação, e montar uma academia (Rubio, 2004; 2007).

O basquete oferece outro grande exemplo para a transição na era do amadorismo. A seleção brasileira foi campeã mundial em 1959 e 1963 e três vezes medalhista de bronze: em 1948, 1960 e 1964. Succar participou desse processo.

Nascido na Argentina, aos sete anos de idade mudou-se com a família para o bairro de Perdizes em São Paulo e no colégio começou a dar seus primeiros arremessos. Quando chegou próximo dos 2,00 metros de altura os irmãos mais velhos atentaram para sua potencialidade e o levaram para jogar no Clube Sírio, do qual eram sócios. Seu pai queria que trabalhasse em sua empresa de contabilidade, mas Succar preferiu a proposta dos irmãos, ingressando assim na recém-criada equipe juvenil do clube.

Na condição de um dentre os jogadores mais altos das quadras de São Paulo e titular absoluto da equipe principal, foi convocado para a seleção brasileira adulta pela primeira vez em 1959, porém, por ainda deter nacionalidade argentina, não pode participar da disputa. Quando enfim foi naturalizado brasileiro, disputou em 1960 seu primeiro campeonato internacional pela seleção brasileira, o Sul Americano. Vieram então os Jogos Olímpicos de Roma onde conquistou medalha de bronze, uma das duas conquistas da delegação brasileira naqueles Jogos, seguido do bronze de Manoel dos Santos na natação.

Nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964, a seleção brasileira ficou novamente com a medalha de bronze, esta que seria a terceira do basquetebol masculino e na ocasião a única da delegação brasileira nos jogos. Nos Jogos Olímpicos do México, em 1968, um honroso quarto colocaria a equipe de Succar dentre as mais importantes do mundo na época o esporte mais apreciado no Brasil, depois do futebol. Mas também marcaria o fim de uma vitoriosa participação na seleção.

“O basquete é um esporte muito difícil e o Brasil, na minha geração, sempre participou das Olimpíadas. Com a medalha de bronze, conseguimos classificação para os Jogos de Tóquio. Também éramos campeões mundiais, Sul Americanos, vice Pan Americanos. E da mesma forma nos classificamos para os Jogos do México”.

Com uma trajetória de tantos triunfos, seguida de três experiências olímpicas, duas delas resultantes de pódio, Succar escreveu seu nome na história do basquete nacional. Realizado, decidiu ausentar-se da seleção brasileira, mas ainda dedicaria os últimos anos da carreira de atleta ao Sírio, onde participaria da campanha que resultou no vice-campeonato do mundial de clubes, em 1973, seu último ano no esporte.

“Já estava realizado, joguei 18 anos, não dava pra almejar mais coisas. Acho que foi no tempo certo. Já tinha 33/34 anos, não tinha mais motivação. São tantos campeonatos, campanhas, tem a responsabilidade de você defender um time, exige muita dedicação. Chega uma hora que cansa”.

Succar cursou Direito na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Sabendo que não podia esperar reconhecimento financeiro pelo que fazia nas quadras, sua motivação vinha do prazer que em jogar e poder representar o país em torneios internacionais. Por isso conseguiu conciliar a carreira de atleta com a de advogado. Isso era possível porque nessa época o volume de treinamento era bem menor, se comparado aos dias atuais.

“Sempre fui amador, não recebia nem um centavo pra jogar, mas graças a Deus sempre trabalhei. Estudava, trabalhava e jogava, não era fácil. Mas, foi muito divertido, eu aproveitei muito. O dinheiro do esporte não me fazia falta. Meu trabalho era suficiente”.

Findada a carreira esportiva, Succar deu continuidade à vida profissional, para a qual vinha se preparando desde os 18 anos. Aos 24, formou-se em direito e após a aposentadoria do esporte voltou-se exclusivamente para o trabalho no mercado imobiliário, tarefa da qual também estava às vésperas de se aposentar.

Obviamente, as origens sociais também influenciam no processo de transição de carreira dos atletas. Aqueles cujas famílias possuíam recursos materiais para a prática esportiva dos filhos se por um lado davam-lhes as condições para a dedicação à carreira, por outro, também punham fim ao sonho, por entender a necessidade de desenvolvimento de uma

atividade profissional duradoura. Isso talvez tenha distinguido os três medalhistas acima de Adhemar Ferreira da Silva, bicampeão olímpico no salto triplo (Helsinque, 1952 e Melbourne, 1956), Carmo de Souza, conhecido como Rosa Branca, bicampeão mundial de basquetebol e duas medalhas de bronze olímpicas (Roma, 1960 e Tóquio, 1964) e Aída dos Santos, saltadora, pentateta e única representante feminina do atletismo da delegação brasileira nas Olimpíadas de Tóquio.

Adhemar era filho único de um ferroviário e uma lavadeira. Começou no atletismo ao ser escolhido por um técnico com olho clínico que identificou em seu tipo físico as condições para ser um atleta. Nessa época conciliava o trabalho, com os estudos e os treinos. O trabalho lhe tomava todo o dia, os estudos à noite e os treinos eram realizados na hora do almoço. Os minutos que excediam o horário eram compensados no final do expediente. Apesar dessa conduta exemplar, o funcionário público Adhemar não recebia qualquer reconhecimento pelas suas realizações. Já campeão olímpico, foi a um campeonato sul-americano no Chile e no seu retorno quando recebeu o contracheque observou que havia sido descontado pelos dias de ausência. Questionado sobre o ocorrido, o então prefeito de São Paulo, Jânio Quadros, declarou que a Prefeitura era lugar para funcionários e não de esportistas vagabundos.

Adhemar foi a 4 edições dos Jogos Olímpicos e conquistou duas medalhas de ouro. Reverenciado como um dos grandes atletas olímpicos do século XX. A primeira delas, em 1952, foi um marco para o esporte olímpico que só havia conquistado esse feito em 1920, com Guilherme Paraense. Por causa disso o jornal A Gazeta Esportiva fez uma campanha para doar uma casa para Adhemar, cuja família vivia em casa alugada. Sabendo que ao aceitar aquela doação isso se configuraria como um ganho sobre seu feito atlético, Adhemar recusou a oferta para poder continuar a competir. Conta Adiel, filha de Adhemar, o que significou aquilo para ele e sua família:

“A minha avó estava toda feliz porque a população aderiu, houve muitas assinaturas, estavam já comprando a casa. Eu imagino como deve ter sido duro para o meu pai desfazer esse sonho da cabeça da minha avó... Então com o coração partido ele teve que chamar os pais e falar: ‘Olha, eu quero continuar e a condição é não aceitar essa casa, porque senão eu viro profissional. Primeiro eles virão aqui e vão tomar as minhas medalhas, os meus troféus e acabou. Eu não posso’. Deve ter sido muito difícil para ele, mas não tinha jeito”.

Embora de origem humilde o esporte proporcionou a Adhemar a possibilidade de estudar e ele se tornou bacharel em Artes Plásticas, Educação Física, Direito, Relações

Públicas e tinha o registro de jornalista, obtido antes da regulamentação da profissão por ter exercido a função de repórter de atletismo, ao longo de 12 anos, no jornal Última Hora, na época do editor Samuel Wainer. Foi também adido cultural brasileiro na Nigéria por três anos. Ao retornar ao país foi convidado pela Secretaria da Promoção Social, do então governo Abreu Sodré, a ocupar a função de representante em eventos internacionais (Rubio 2004; 2007).

Rosa Branca tem uma origem parecida. Nascido no interior de São Paulo, filho de família muito humilde desde cedo trabalhou para ajudar a. Foi sapateiro, vendedor de banana na feira, carregador de água. Dentre suas obrigações a escola tinha a mesma importância que o trabalho. Estudou na Escola Industrial de Araraquara que possuía um forte departamento de Educação Física e condições materiais para a prática de várias modalidades esportivas. Começou fazendo atletismo e pelas mãos de Julio Mazzei chegou ao basquetebol onde se tornaria um ídolo da segunda modalidade do país na época. Do interior veio para a cidade de São Paulo jogar no Palmeiras, uma das potências da modalidade na época. Nesse período foi convocado pela primeira vez para a seleção brasileira adulta e esteve cotado entre os três melhores jogadores do estado de São Paulo. Em 1959 e 1963 esteve na equipe que disputou o campeonato mundial conquistando a condição de melhor do mundo e também as medalhas de bronze nos Jogos Olímpicos de 1960 e 1964.

No ano de 1967 o empresário dos Harley Globetrotters, uma equipe americana de basquete de exibição, tentou levar Rosa Branca para os Estados Unidos. Um convite irrecusável para qualquer jogador de basquete, tanto pela projeção para os que participavam dessa equipe, como também pelos valores que envolviam o contrato dessas estrelas.

“Naquela época tinha o Mundial do Uruguai. Eles precisavam de mim naquele momento... Na época era dinheiro que não acabava mais. 40 mil dólares... Eu teria que me profissionalizar e perderia todos os meus títulos também... Apesar de já ter feito o serviço militar aqui eu teria que ir para os Estados Unidos e fazer o serviço militar lá também... Aí eu pensei bem e falei: ‘Eu vou deixar esses 40 mil dólares pra lá, não vou fazer esse serviço militar. Mas esses títulos... ficariam todos no Brasil. Não seria justo’”.

Depois de assistir ao fechamento de dois de seus clubes Rosa Branca decidiu encerrar a carreira como atleta. Era hora de dar um novo rumo para a sua vida. Não quis jogo de despedida, nem comemorações. As conquistas e realizações eram lembranças suficientes para toda uma vida. Formado em Educação Física dedicou-se ao magistério

e às atividades como técnico esportivo. Foi professor contratado do SESC por 32 anos (Rubio, 2004; 2007).

Mas, nem sempre o planejamento e a escolha prematura da modalidade são garantias de sucesso olímpico. A história de Aída dos Santos nos mostra isso.

Natural de Niterói, Rio de Janeiro, todos os domingos Aída dos Santos pegava carona na bicicleta de sua colega para ir até o Clube Caio Martins jogar voleibol. O atletismo aparecia como uma segunda opção, e numa dessas ocasiões aceitou a contra gosto, e por muita insistência da colega, experimentar o salto em altura.

“No atletismo eu comecei por um acaso, porque eu gostava mesmo era de voleibol”.

Logo no primeiro salto quase alcançou a marca mais expressiva da prova, por volta de 1,45 metros, o que levou-a a ser convidada a treinar regularmente, muito embora o pai não o desejasse.

“Ganhei de todas as competidoras que estavam lá. Saí até nos jornais! Feliz da vida mostrei a medalha para o meu pai: ‘Você recebeu algum dinheiro? Medalha não enche barriga de ninguém não. Pobre tem é que trabalhar pra dar sustento à família’. E me bateu”!

E para não por fim a seu sonho encontrou uma alternativa:

“Dizia para o meu pai que ia assistir minha colega treinar, e treinava escondida dele”.

Tomada a decisão, seguiu seu caminho. Aos 19 anos de idade foi encaminhada para o Vasco da Gama, onde firmaria seu primeiro vínculo institucional. Representar um clube significava ter de participar regularmente de treinamentos e competições. Adicione-se a isso o fato de não receber respaldo da família e a necessidade de conciliar profissão, esporte e família.

“Me alimentava mal, mas tinha que treinar, num dava pra pegar o dinheiro e não ir. Então, às vezes ia treinar, mas não podia, porque eu desmaiava de fome”.

Para chegar aos Jogos Olímpicos de Tóquio ela foi obrigada a repetir o índice olímpico por cinco vezes, embora já tivesse conquistado a marca durante um Troféu Brasil,

em São Paulo. A indiferença e discriminação daqueles tempos não pararam aí. Aída foi a única mulher da delegação brasileira que foi a Tóquio. Às vésperas da viagem apresentou-se a comissão responsável pela delegação brasileira e ali perceberam que seu uniforme não havia sido providenciado. Então, a única representante feminina da delegação brasileira teve que reaproveitar o uniforme que usara nos Jogos Pan Americanos para poder participar do desfile de abertura.

Invisível aos olhos da delegação brasileira, sem uniforme, sem equipamento para treinar e competir, sem apoio técnico e perdida pela Vila Olímpica, Aída ficou à sombra das outras delegações para reaproveitar sua estrutura de treinamento.

“Eu esperava todo mundo treinar, depois eu ia, por mímica, pedir o material japonês, que era o sarrafo, o poste e o colchão”.

Ainda assim, chegou à final olímpica com o sarrafo posto à altura de 1, 70 metros. Não fosse uma torção no tornozelo, estaria entre as três medalhistas. Sua marca só foi superada e em 1996 com a medalha do basquete e vôlei de praia feminino em Atlanta.

Embora tenha sido tratada como heroína quando do retorno ao Brasil, àquela sequência de desilusões e descasos fizeram-na pensar em seu futuro. Aída então voltou a se dedicar aos estudos e concluiu curso de contabilidade em Escola Técnica. Também iniciou a faculdade de Geografia, mas não o concluiu. Antes de encerrar por completo a carreira de atleta, escolheu a Educação Física e a Pedagogia como formação superior, e passou a trabalhar como técnica de atletismo na Universidade Gama Filho.

Nos Jogos Olímpicos da Cidade do México, por um equívoco do técnico que pedira uma demonstração de suas habilidades para um grupo de jornalistas presentes no evento, lesionou-se antes de iniciar a competição. Inconformada, desobedeceu à ordem do médico e técnico e foi para a pista competir. Às vésperas dos Jogos de Munique, expressou em um programa de televisão sua opinião acerca do processo de qualificação para os Jogos, o que lhe rendeu uma expulsão da delegação por indisciplina. Cansada da luta, decidiu parar, dedicar-se à família e à carreira como técnica de atletismo.

Considerações finais

As 4 histórias aqui relatadas apontam para a construção de uma identidade desenvolvida a partir de um contexto específico: o amadorismo. Se tomadas nessa dimensão pode-se observar que mais do que pautar-se em escolhas futuras que envolvessem uma vida

relacionada com o esporte, os atletas dessa geração não tinham opções. A vida de treinos e competições ficava circunscrita a um cenário juvenil, no qual as responsabilidades estavam voltadas para os estudos e as competições. A medida que os anos se passaram e outros interesses começaram a surgir, como o desejo de constituir família ou desenvolver uma carreira profissional, houve uma readequação de prioridades e o tempo dispendido para treinos e competições tornaram-se necessários em outras atividades.

Observa-se na narrativa desses e de outros atletas olímpicos que a transição é um processo natural, mas não indolor. Eles relatam entender a necessidade de parar e iniciar uma nova jornada em outra carreira e apontam que essa decisão ocorreu de forma consciente, cognitiva. Entretanto, a falta da cena competitiva, do contato com o desafio e da emoção gerada por essa situação são tão mais difíceis de administrar quanto a perda de controle sobre o corpo pela falta de treinamento físico. Vários atletas relataram sonhos com as cenas da competição, com o cheiro do local ou com o som gerado pelo público. Essas sensações marcam a vida desses ex-atletas nas novas identidades desenvolvidas como profissionais em outras atividades. Apesar de gratificante e prazerosa a carreira esportiva era uma atividade com reconhecida data de validade e que embora proporcionasse muito prazer não garantia futuro, nem estabilidade, mesmo a medalhistas e campeões olímpicos.

O mundo do amadorismo girava em torno de um apelo moral conferido aos atletas reconhecido como *timé*, termo originário do grego que significa a honra, assim como a *areté*, que representava hombridade, valor que não era aprendido tanto pela transmissão de normas de conduta, mas pela prática da vida de pessoas valorosas (Rubio e Carvalho, 2007).

Nesse sentido a busca de um atleta se dava basicamente pelo resultado possível dentro da prática de sua modalidade, fosse um marca, um tempo ou um resultado positivo diante de um adversário. O corpo do atleta, dentro dessa perspectiva, e os resultados em si, eram os sinalizadores da longevidade da carreira atlética e a impossibilidade de continuar a alcançar as marcas desejadas eram os indicadores do limite de produção possível. E assim, a transição de carreira, mais do que um evento dramático era parte de um processo natural que, entre outras coisas, envolvia a continuidade de uma carreira acadêmica iniciada concomitantemente à carreira de atleta. Não desejamos afirmar que o processo aqui fosse intenso ou dramático como é o fim em qualquer situação compulsória, inexorável. Mas, de qualquer forma o que se observa é a continuidade da vida produtiva e a busca de novas realizações e sonhos.

Referências Bibliográficas

- BASTOS, J. P. **Desporto profissional**. Lisboa: MEC/Desporto, 1987.
- BOURDIEU, P. Deporte y clase social. In.: **Materiales de Sociologia del Deporte**. Madrid: Las Ediciones de La Piqueta, 1993.
- BROHM, J. M. Las funciones ideológicas del deporte capitalista. In.: **Materiales de Sociologia del Deporte**. Madrid: Las Ediciones de La Piqueta, 1993.
- CARDOSO, M. **O arquivo das Olimpíadas**. São Paulo: Panda Books, 2000. COUBERTIN, P. **Memorias olimpicas**. Lausanne: International Olympic Committee, 1989. LOPEZ, A. A. **La aventura olímpica**. Madrid: Campamones, 1992.
- MÜLLER, N. (ed.) **Olympism Selected Writings. Pierre de Coubertin 1863-1937**. Lausanne: Comitê Olímpico Internacional, 2000.
- RUBIO, K. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte** (Impresso), v.24, p.55 - 68, 2010.
- RUBIO, K. **Medalhistas olímpicos brasileiros: histórias, memórias e imaginário**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- RUBIO, K., CARVALHO, A. L. Areté, fair play e movimento olímpico contemporâneo. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto** , v.3, p.350 - 357, 2005.
- RUBIO, K. **Heróis Olímpicos brasileiros**. São Paulo: Zouk, 2004.
- RUBIO, K. **The professionalism legacy: the impact of amatorism transformation among brazilian olympic medalists**. In.: M. Moragas, C. Kennett e N. Puig (eds) *The legacy of the Olympic Games 1984-2000*. Barcelona/Lausanne: Olympic Studies Centre of the Autonomous University of Barcelona/ Olympic Studies Centre of the International Olympic Committee, 2003.
- SALLES, J. G. C.; SOARES, A. J. Evolução da concepção do amatorismo no Movimento Olímpico Internacional: uma aproximação conceitual. In.: M. TURINI e L. DaCOSTA (orgs) **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.